

Lembrando Artur Xexão

Description



Acompanhei muito da trajetória profissional do repórter, colunista e editor Artur Xexão. Sempre com extremo apreço por sua forte vocação jornalística como antenado comentador cultural. Um envolvimento mais direto por parte deste leitor infelizmente não se deu por conta da falta de uma maior afinidade e identificação. É que Xexão pertencia marcadamente a uma geração anterior a minha. Suas divas estavam reunidas em um plantel de artistas e personalidades com as quais tinha dificuldade de me reconhecer. E a paixão dele pelas cantoras do Rádio da década de 1950, por Elis Regina, por Hebe Camargo, por Janete Clair, era grande. Tinha também o deslumbramento por acontecimentos breguêrrimos como a festa do Oscar. Se por vezes nos distanciávamos, em outras nos aproximávamos no elã e fervor por festivais de cinema como os de Gramado, Brasília, Cannes, Veneza e Berlim, o que criava um vínculo direto entre o jornalista-cronista e este leitor.

Nunca tive o prazer de conhecê-lo, o que lamento. Gostaria muito de ter me aproximado de sua turma, especialmente durante o período em que estive sob o comando de Zuenir Ventura no Jornal do Brasil. O JB parecia tão imponente e inabalável que lembro bem de o jornalista, no momento em que viu a empresa do moderno prédio da Avenida Brasil 500 começar a ter dificuldades e em seguida vários de seus colegas migrarem para O Globo, escrever que nunca, jamais, em tempo algum, abandonaria o jornal. Como agora sabemos, Ali Kamel acabou por convencê-lo a ir para O Globo. Quando chegou por lá, eu já estava longe. Talvez se tivesse trabalhado com Zuenir e Xexão no JB ou em O Globo, poderia, quem sabe, ter estendido um pouco mais os meus 15 minutos de vida jornalística.

Em uma única oportunidade nos encontramos. Foi em janeiro de 1985, durante o primeiro Rock in Rio. Entre as inóveis entrevistas com Queen, Rod Stewart, Ian Anderson, houve uma com a cantora Nina Hagen. Em uma sala adjacente a um quarto do Hotel Cassino Atlântico (depois, Sofitel e hoje, Fairmount), QG do festival, foi reunida uma legião de repórteres para enfrentarem a presença espalhafatosa da cantora alemã. Um a um os jornalistas iam entrando no quarto em que Hagen se encontrava para que sacassem suas perguntas e aguardassem pelas imprevisíveis e esóticas respostas da compositora/performer. Esperamos muito tempo. Umass horas, imagino.

Neste intervalo, fomos sobrando, Xexão, uma repórter que o acompanhava (achei muito chique e um luxo que a Isto? tivesse escalado dois jornalistas para entrevistarem a histórica cantora) e eu. Foi tempo suficiente para me dirigir por duas vezes ao banheiro. Quando seguia pela segunda vez ao lavabo, um Xexão surpreso me desferiu inesperadamente, talvez pela falta de assunto entre dois desconhecidos depois de tanta espera, a pergunta: “Mas de novo?”. Achei graça do desprendimento do jornalista. O Xexão e sua parceria de reportagem seriam logo chamados para estarem com Nina Hagen e por último este que vos digita. Ao adentrar o local fui surpreendido ao ver todo o batalhão de repórteres que estavam comigo na ante sala, e que me antecederam, sentados como se fossem uma plateia para ouvir o que eu tinha a perguntar à cantora. Muito constrangedor ser escalado para o papel de *host* de *talk show* e incompreensível a razão de não estarmos todos juntos no mesmo lugar desde o início. Invencíveis dos *big bosses* das gravadoras multinacionais que felizmente sumiram do mapa.

Segue a reportagem da época com as informações colhidas nesta que seria uma exclusiva e em uma outra grande coletiva em um auditório do hotel. Gostaria de reler o que saiu do trabalho do Xexão

IMPRESSÕES DE NINA HAGEN

Dos grupos e músicos que vieram para o Rock in Rio Festival, Nina Hagen talvez seja a figura que mais tenha atraído atenção. Sua entrevista foi concorridíssima e, bem ao gosto dessa alemã de Berlim Oriental, repleta de revelações inusitadas.

Nada de muito profundo ou obscuro nisto tudo. Apesar de alguns comentários e observações absurdas, Nina Hagen é rasteira nos assuntos e avessa a longos papos. Alguns encontros e uma entrevista rápida deixaram entrever atrás da cordialidade e calma de Nina — ela se diz uma velha hippie — um espírito vivo e irreverente. Isto com certeza está relacionado com a passagem de Nina pela Inglaterra em 76. Ela esteve em Londres em plena efervescência do movimento punk, encontrou-se com John Lydon (vocalista do Sex Pistols) e viveu toda a atmosfera daquele período que parece tê-la marcado profundamente. Sobre a cidade londrina, Nina comenta: "Londres era e continua a ser selvagem. Londres é sempre selvagem e, por isso, as pessoas lá são muito inventivas". Das bandas da época, Nina lembra a atitude alucinada no palco de grupos como Siouxsie and the Banshees e The Slits. Em relação ao The Slits (muito comentado por Nina), um grupo punk feminino, a atuação de sua vocalista principal, ao que tudo indica, impressionou tremendamente Nina. "Ariana é a figura mais selvagem já vista no palco, e eu aprendi muito com ela. Aprendi a deixar de lado a vaidade no palco e todas essas coisas que cercam um ídolo. Ela era muito livre no palco, rolava pelo chão, entrava em transe e deixava todos em transe. Com ela eu aprendi a ser para sempre jovem". Disso tudo o que ficou em Nina foi o gosto por uma imagem kitsch (descompromisso total com o "bom gosto") e uma atitude permanentemente crítica diante de tudo.

Quando se tenta saber de Nina Hagen seu gosto musical, ela sai pela tangente: "Nós não podemos analisar música. Não podemos dizer porque gostamos ou não. Eu não analiso música, ela apenas está aí". Musicalmente as influências são muitas, e Nina, expressan-

Durante o Rock In Rio, ROLL manteve alguns contatos imediatos do 3.º grau com Nina Hagen. Nesses papos, Nina falou de tudo: de discos voadores, de sua passagem por Londres, de Nostadamus e suas profecias e mais uma série de coisas. Existem lances no entanto que são intuitivos para além dos papos e é isso o que nós reportamos nestas impressões.



Nina Hagen: visão punk do hippismo.

do um pensamento contrário às ortodoxias (levadas ao extremo com o Rock in Rio), observa que todos os estilos musicais estão em permanente transformação, seja o country ou a música clássica. A única pessoa a quem ela dirigiu críticas foi a Malcolm McLaren (produtor e um dos idealizadores do Sex Pistols). Nina falou sobre o novo trabalho de Malcolm, uma mistura de ópera com música pop. "Malcolm simplesmente me copia. Eu faço 'Carmen' há seis anos em meus shows e ele agora resolveu gravar óperas. O que acontece no entanto é que ele não tem a minha voz".

Sobre a recente produção de Giorgio Moroder no seu disco "Fearless", Nina Hagen comentou: "Eu tinha as músicas do novo disco gravadas em fitas 'demo' (fitas de demonstração), mas escolhi Moroder porque eu queria que elas soassem mais funk e para que elas assim pudessem tocar em discotecas". É isso: todos, e Nina não fica de fora, mergulham hoje de cabeça na redescoberta de James Brown e de todo o barato da música soul e funk.

Nina Hagen se considera uma velha hippie, e não é pra menos, segundo ela o glitter rock está de volta (ano passado, dentro de uma danceteria em Londres, foi surpreendido por uma música de ninguém menos que Marc Bolan). Em sintonia com isso, Nina em seus últimos shows tem feito revisões de músicas de Jimmy Hendrix, David Bowie e mesmo de Bolan.

Revelações pessoais: Nina Hagen namora atualmente um músico da banda americana Crocodile Tears. Segundo ela, eles representam uma nova direção na música, "eles são os reis do mellow". Curte também sua filha Cosma Shiva, que a acompanhou nesta viagem ao Brasil. Antes de ter Cosma, Nina Hagen estava mergulhada em experiências brabas com LSD. Mas com Cosma "deixei de usar drogas e esqueci as ressacas. Ela me fez sentir mais forte". Para Cosma Shiva, Nina prevê um futuro esplendoroso. "Cosma é uma criança da era de aquários. Ela estará aqui quando todas as mudanças acontecerem na Terra, e ela será parte de uma nova geração. A geração da paz e do amor".

Date Created

2021/07/03

Author

kikopedrosa

default watermark